

A “TRAVESSIA INCONTORNÁVEL”: SOBRE DIFERENÇA ONTOLÓGICA EM CONTRIBUIÇÕES À FILOSOFIA*

THE “UNAVOIDABLE CROSSING”: ON ONTOLOGICAL DIFFERENCE IN *CONTRIBUTIONS TO PHILOSOPHY*

Roberto Kahlmeyer-Mertens**

RESUMO

Este artigo aborda o tema da diferença ontológica no pensamento de Heidegger. Delimita-se especificamente ao período entre suas primeiras obras, sobretudo *Ser e tempo*, e seu período posterior, especificamente *Contribuições à filosofia*: do acontecimento apropriador. O estudo questiona a compreensão do filósofo sobre a diferença ontológica nessas duas fases, buscando determinar a distinção entre ser e entes diante da multiplicidade e, subsequentemente, como essa noção se refere à diferenciação que ocorre no âmbito do “acontecimento apropriador”. Durante esse período, Heidegger pretende mostrar que a diferença é o que ocorre em um espaço *destacado* nesse evento – um “abismo” relacionado ao fundamento originário do ser. Nesse mesmo contexto, o filósofo alude à diferença ontológica como uma “travessia incontornável” para o fundamento, relacionada à superação da metafísica. Seguindo essa caracterização e análise, é possível indicar como resultado que a diferença ontológica conduz a um novo posicionamento do humano diante do ser e de sua história.

PALAVRAS-CHAVE: diferença ontológica; *Contribuições à filosofia*; Heidegger; abismo; travessia incontornável.

ABSTRACT:

This article deals with the theme of ontological difference in Heidegger's thought. It is specifically delimited to the period between his early works, especially *Being and Time*, *Being and Time*, and his later period, specifically *Contributions to Philosophy: From Enowning*. The study inquiries into the philosopher's understanding of the ontological difference in these two phases, aiming to determine the distinction between Being and entities in the face of multiplicity and, subsequently, how this notion refers to the differentiation that occurs within the scope of enowning. During this period, Heidegger intends to show that difference is what occurs in a separate space within this event — an 'abyss' related to the originary foundation of Being. In the same context, the philosopher alludes to the ontological difference as an “unavoidable crossing” to the foundation, related to the overcoming of metaphysics. Following this characterization and analysis, it is possible to conclude that the ontological difference leads to a new positioning of the human being in relation to Being and its history.

KEYWORDS: ontological difference; *Contributions to philosophy*; Heidegger; abyss; unavoidable crossing.

* Artigo recebido em 09/05/2026 e aprovado para publicação em 10/06/2026.

** Doutor em Filosofia pela UERJ. Professor Associado dos Programas de Pós-Graduação em Filosofia da Unioeste e da UEM (PR). E-mail: kahlmeyermertens@gmail.com.

1 A DIFERENÇA ONTOLÓGICA NO INDETERMINADO

Em um pensamento como o de Martin Heidegger, ontológico *par excellence*, é de se esperar que a *diferença ontológica* (*ontologische Differenz*) desempenhe influente papel em suas posições, visões e conceptualidade. Presumível, também, que tal conceito perdure por mais de uma fase de sua obra, já que, como declara o filósofo, a pergunta pelo sentido do ser sempre foi e continuaria sendo a única questão de seu pensamento (Heidegger, 2003, 2007). Além disso, da mesma forma que nesses períodos se identificam modulações desse pensamento, que seu patrimônio conceitual também sofresse mudanças, dos seus momentos iniciais até formulações tardias. E, como objetivamos indicar neste artigo, o conceito de diferença ontológica passasse a ocupar posição cada vez mais central nessa filosofia.

Hans-Georg Gadamer (que aqui, mais do que um comentador, figura como testemunha ocular de parte significativa da trajetória de Heidegger), tendo assistido a alguns dos principais cursos do jovem filósofo, relata o quanto a expressão *diferença ontológica* aparecia repetidamente nas aulas daquele assistente de Edmund Husserl, estando esta constantemente referida à locução “o ente na totalidade” (*das Seiende im Ganzen*). Relata, também, como, para a audiência daquelas preleções, essas formulações eram tomadas como amostra da pujança criativa do jovem Heidegger ao exprimir, por meio de novos e radicais conceitos, experiências para as quais ainda não havia vocabulário consolidado; como revela Gadamer (1995, p. 58, tradução nossa):

Quando me lembro das primeiras preleções de Heidegger às quais eu mesmo assisti em 1923 em Friburgo e em 1924 em Marburgo, a expressão “diferença ontológica” era para mim como uma palavra mágica. Ela sempre vinha repetidas vezes com a mesma ênfase com a qual um pensador concentrado, mesmo sem expressar explicitamente as ligações e o significado do que queria dizer, deixa captar que algo está sendo visado aí de modo inteiramente crucial.

Desse relato relevante, temos que a ideia de diferença ontológica *está presente desde a filosofia da década de 1920 apresentando-se como o que nos abre ao modo de ser dos entes na totalidade*; acrescentamos que esse conceito já apareceria nos primeiros sinais da filosofia ontológica que despontaria como tarefa de Heidegger, portanto ainda antes na cronologia desse pensamento. Em *Meu caminho para a fenomenologia* – ensaio estampado em 1963, no *Festschrift* em homenagem ao editor Hermann Niemeyer, por ocasião de seu 80º aniversário – Heidegger, em olhar retrospectivo a seu próprio trajeto filosófico, confessa que seu interesse

pela questão do ser afluíra muito cedo, ainda no período em que era interno do seminário eclesiástico de Friburgo. Enfatizaria, assim, que toda sua filosofia não consistiria em outra coisa senão na consecução de um único programa cujo eixo seria exclusivamente o ontológico. Ora, se simplesmente acolhermos essa indicação¹, então seria possível apontar a diferença ontológica desde quando o filósofo cursava o ensino médio e fazia suas incursões incipientes ao pensamento por meio de *As múltiplas significações do ente segundo Aristóteles* (1862), livro de Franz Brentano (2014).

Após a leitura dessa monografia sobre Aristóteles, Heidegger teria desenvolvido a intuição fundamental para a questão que viria a aprofundar não apenas em sua obra principal, *Ser e tempo*, mas também em escritos posteriores a 1927. A questão da unidade do ser na multiplicidade dos entes, que na época ainda era formulada de maneira vaga e hesitante, definiu a direção de *Ser e tempo*. Com a doutrina de Brentano, Heidegger aprendeu que o ser pode significar de múltiplas maneiras. Isso o levou a se distanciar das ontologias tradicionais, para as quais o Ser² era interpretado como identidade Absoluta, e a pensar a unidade do múltiplo em relação à diferença (Heidegger, 1976b).

2 DIFERENÇA COMO INDICAÇÃO NO ABISMAL

Na fase inicial de sua obra, a diferença ontológica permitiu a Heidegger colocar-se na confrontação pensante com a história da filosofia e reposicionar-se perante a questão ontológica fundamental. Em última análise, sua abordagem do sentido do ser distingue-se de outras filosofias do Ser. Desta vez, o ser não é questionado metafisicamente no sentido da substancialidade das coisas e de suas respectivas categorias. A ontologia de Heidegger é “fundamental” justamente porque a diferença lhe permite investigar *um* ser que se diz de *muitos* modos.

Gadamer, em outro vivo testemunho dos momentos iniciais da carreira de Heidegger, nos conta que – devido ao caráter vago e algo críptico com o qual o termo soava – nem sempre a diferença ontológica era bem compreendida pela audiência das preleções de seu jovem professor. Em suas palavras:

¹ Sem, por exemplo, questionar se ela não seria uma autointerpretação que pretenderia reforçar a ideia de unidade de seu próprio pensamento em uma época na qual ainda não havia a coleção das *Obras completas* (cuja publicação iniciou-se em 1975) o que dificultaria uma visão de conjunto de seus trabalhos e, portanto, uma análise concreta de sua coerência intrínseca (Heidegger, 2003).

² No presente artigo, convencionamos grafar o termo “Ser” com maiúsculas alegorizantes toda vez que ele se referir ao sentido absoluto com o qual este se expressa no domínio ontoteológico da tradição filosófica.

Para ilustrar o caráter enigmático dessa diferença (*Unterscheidung*), permitam-me contar uma história. Foi em Marburgo. Eu e meu amigo Gerhard Krüger acompanhávamos Heidegger até sua casa após sua preleção. [...] Nessa altura, já tínhamos sido confrontados profundamente com a diferença ontológica e, então, perguntamos a Heidegger como se fazia essa diferença ontológica. Presumivelmente, estávamos nos referindo ao conceito de reflexão, que no idealismo alemão constituía o ponto de partida do pensamento. Então Heidegger olhou para nós com uma aparência de superioridade e disse: “Mas não, essa diferença não é feita por nós” (Gadamer, 1995, p. 60, tradução nossa).

Ao nos depararmos com essa narrativa, vislumbramos se a obscuridade quanto à diferença ontológica, naqueles textos de juventude, não teria sido, ainda que muito mais tarde, a responsável por interpretações como a de Jean-Luc Marion (1987). Este autor, ao atribuir ao fato de Heidegger não ter estabelecido à época a diferença ontológica de maneira decisiva, teria criado, entre os conceitos de *ser* e *diferença*, ao menos em *Ser e tempo*, uma tensão mal resolvida ou, em suas palavras, “uma indecisão” (*un indécidé*). Todavia, se as coisas forem desse modo, a continuidade do relato de Gadamer (talvez não por acaso proferido originalmente como palestra dois anos depois do artigo de Marion), reveste-se de importância e gravidade ao atestar que:

Os conhecedores do Heidegger tardio sabem já há longo tempo que a diferença não é algo que alguém faça, mas que somos colocados nesse diferenciar (*Unterschied*), nessa diferença (*Differenz*). [...] O diferenciar, portanto, não é algo que se faça, mas algo que se faz aí (*was sich da tut*), que se abre como um abismo (*Abgrund*)³. Algo se desmembra (*auseinander*). Um aflorar (*Aufgehen*) tem vez (Gadamer, 1995, p. 60, tradução nossa).

É digno de nota ressaltar, portanto, que a diferença (e a identidade que é determinação de seu negado) não é uma realidade por si subsistente, visto que, em *Ser e tempo*, esse conceito não implica substancialidade ou realidade. Não se pode ignorar, todavia, o fato de que, nessa obra, o filósofo continua a compreender a diferença ontológica como uma indicação da constituição de campos de sentido e de significação, nos quais se leva em conta um critério ontológico para o comportamento existencial ou, dizendo-o com o vocabulário que lhe é próprio: a diferença ontológica pertenceria ao nosso ser-aí (*Dasein*), desencobrendo a factualidade do ser-no-mundo e as limitações da concretização de tudo que o ser é e pode ser (Heidegger, 2003).

Ao pensar aqui a diferença ontológica em relação ao ente, Heidegger compreende que não nos é facultada uma determinidade cabal do Ser enquanto um conceito no âmbito de uma

³ A propósito disso, Michel Haar (1998), em seu *O canto da terra* (cuja primeira edição data do mesmo ano do artigo de Marion), compreendeu a diferença ontológica em face do abismal não apenas como um conceito, mas como uma tensão entre “terra” e “mundo”, para dizê-lo em seus termos.

doutrina lógico-subjetiva⁴. Isso é dito com ênfase por nosso filósofo: “Se toma a diferenciação (*Unterscheidung*) como peça doutrinária na chave de uma consideração ontológica, mas o ponto crucial é esquecido: o caráter de travessia (*Durchgangsmäßige*) dessa diferenciação” (Heidegger, 2003, p. 467). Na impossibilidade de tratar já do que o filósofo alude aqui como *travessia* (o que se reserva a passo subsequente), ressaltemos, para o momento, que Heidegger não deixa de considerar que, em toda fala sobre qualquer ente, já contamos com uma compreensão prévia do que significa ser e ente, com isso, evidencia-se que somos capazes de certa compreensão de ser e do quanto esta não se confunde com *aquilo que é*. Interpretando essa posição heideggeriana, assevera Gadamer (1995, p. 60): “Isso significa, de início, ‘a diferença ontológica’. O jovem Heidegger sempre soube que é um verdadeiro enigma o fato de experimentarmos e denominarmos muitos entes, mas também denominarmos e meditarmos sobre o ser dos entes”. Essa citação nos mostra que a investigação ontológica fundamental de Heidegger, a princípio pautada na compreensão que o humano (ser-aí) tem do sentido do ser dos entes, está indelevelmente implicada em uma experiência de diferença ontológica e que:

A questão do seer (*Seyn*)⁵ enquanto questão fundamental não teria apreendido nada do que lhe é digno de questão (*Fragewürdigsten*), se ela não fosse imediatamente impulsionada (*getrieben*) à questão da *origem* da “diferença ontológica”. A diferenciação entre “ser” e “ente”, o fato de o seer se *destacar* (*abhebt*) dos entes, só pode ter sua origem, se é que os entes como tais estiverem fundados no seer, na *essenciação* (*Wesung*) do seer (Heidegger, 2003, p. 465, tradução nossa).

Daqui se depreende que, em momento adiantado⁶, Heidegger passa a tratar da diferença (*Differenz*) como diferenciação (*Unterscheidung*). A mudança é evidenciadora do quanto a diferença ontológica, em seu diferenciar (*Unterscheiden*), não se processa por meio de

⁴ A referência aqui é a Hegel, que, em sua *Grande lógica* (1812-1816), após perfazer o movimento dialético que conduz da imediatez da “doutrina do Ser” à reflexão mediada da “doutrina da Essência”, aporta na “doutrina do Conceito” (*subjektive Logik*). Nesta etapa final, o Ser abandona sua externalidade contingente para se estabelecer como idealidade absoluta. Aqui, a alteridade é suprasumida (*aufgehoben*) na unidade do Conceito, de modo que toda a efetividade (*Wirklichkeit*) passa a ser compreendida como uma autodeterminação da estrutura lógica na qual o real e o racional se identificam plenamente (Hegel, 1986, especialmente a “parte dois”).

⁵ Neste trabalho, o uso do termo “seer”, em grafia do galego-português, segue a opção do tradutor brasileiro das obras tardias de Heidegger. Em trabalhos como *Contribuições à filosofia* (Heidegger, 2003), o vocábulo é a tradução correspondente ao termo “*Seyn*”, utilizado por Heidegger em alto-alemão moderno inicial (*Frühneuhochdeutsch*) para designar o ontológico no âmbito do acontecimento apropriador. Com esse recurso, Heidegger pretende diferenciar o “seer” (*Seyn*) do “Ser” (*Sein*) tal como editado na tradição metafísica.

⁶ Chamamos de “adiantado” o período em que se insere a obra *Contribuições à filosofia* (evitando o termo “tardio”, nomenclatura recorrente para a datação da obra) pelo fato de, na década de 1930, Heidegger ainda ser proporcionalmente jovem, a julgar que tanto sua vida quanto sua produção se estenderam até a década de 1970. São obras deste período – documentando o que seria a produção verdadeiramente tardia do filósofo – os *Seminários de Zähringer* (1973) e uma série de diálogos que remontam ao ano de 1975 (Heidegger, 1986, 2000).

pensamento lógico junto a presumidos atributos ou propriedades categoriais dos entes nem a uma ideia Absoluta⁷. O que isso significa, entretanto, apenas se torna compreensível a partir do confronto com a tradição filosófica, solo do qual o filósofo pode encaminhar-se àquilo que designou como *origem da diferença ontológica*. Ao atender à requisição dessa apropriação mais originária da história da metafísica, o referido “destacar” do ente (mediante a abertura do seer em sua essenciação) em sua diferença ontológica (enquanto o que possibilita colocarmos a questão pelo ser da maneira mais originária), pode mostrar-se claramente como o questionável (Heidegger, 2003).

Se, em algum momento, a compreensão de diferença ontológica, na filosofia de Heidegger, chegou a coincidir com a interpretação da tradição (nesse caso, como discriminação pura e simples entre Ser e ente), é na própria confrontação pensante dos repertórios tradicionais a esse respeito que o filósofo pode assegurar o ser no âmbito de uma nova abrangência da diferenciação ontológica. Por trivial que pareça, há aqui uma tomada de distância daquilo que Heidegger considerava uma derivação (*Ableitung*). Nesse caso, derivado é tomar a diferença entre ser e ente como algo que se obtém formalmente, apartado do solo da origem do fundamento do que se chama ser, o distanciamento dessa conduta tradicional requer do filósofo a recondução da compreensão do ser ao seu fundamento originário. Para Heidegger, uma tal recondução (conforme indica a última citação do tópico imediatamente anterior) nos leva ao ponto em que a diferenciação ontológica e o surgimento da pergunta pelo ser coincidem (Heidegger, 2003). E é desse mesmo ponto que, posteriormente, surge a ideia de que o ser, em sua derivação, passaria a corresponder a produtos de uma representação do que sejam o Ser e o ente, já atendendo a critérios de substância ou de idealidade (Deely, 1971; Marx, 1961)⁸.

As coisas são desse modo, pois, para o Heidegger tardio, pensar a diferença ontológica, como entendimento subjetivo de Ser e ente, ainda reincidiria em um comportamento flagrantemente metafísico, o que, em última instância, resultaria equívoco. Considerando que um equívoco não é um erro qualquer, o desacerto em questão está em tomar algo como outro, em confundir duas situações diversas. No presente caso, o equívoco se apresentaria em dois

⁷ Quanto a isso, veja-se Greisch (2010), que corrobora com a avaliação, indicando que a diferença ontológica não é subjetivamente operada. O autor também acrescenta que tal diferença tampouco constituiria um instrumento lógico da ontologia; antes, ela é da ordem da possibilidade que denota o acontecimento de seer enquanto o que se abre ao humano.

⁸ Embora sejam títulos datados, ambos concordam em indicar que é com as posições de certo aristotelismo e do hegelianismo da época que Heidegger se confronta. Marx (1961) possui, no segundo e terceiro capítulos da primeira parte de seu livro, uma tematização bastante característica da confrontação pensante de Heidegger com a tradição, valendo a consulta.

estágios: a) tratar aquela *diferenciação* como uma atividade lógico-subjetiva (a qual Heidegger qualifica como *ôntica*), em lugar do que agora se apresenta como o próprio acontecimento do sentido de ser no ente (*ontológico*); b) tratar logicamente o ser, de modo as requisições de categorias (seja da coisa ou do sujeito) acabarem por convertê-lo em uma entidade, levando-nos à ilusão de estar diante do Ser, quando, uma vez mais, é um ente que se apresenta⁹.

Na tentativa de assegurar que a pergunta pelo ser seja fundamentalmente apropriada, isto é, com base no que no ente se mostra em seu primado ontológico, Heidegger acaba, posteriormente, agregando cada vez mais intensidade à ideia de diferença ontológica. Para ele, esta passa a designar:

[...] o domínio do acontecimento da elaboração do seer em sua verdade, quer dizer, na sua combinação por meio da qual o ente como tal se insere no aí. [...] Assim, dar basicamente ênfase à diferença ontológica testemunha unicamente o intuito de colocar, de forma originária, a pergunta pelo *seer* que há de se constituir, em si mesma, por meio de uma apropriação essencial da história da metafísica (Heidegger, 2003, p. 273, tradução nossa).

O filósofo nos diz aqui que o ser é o que se dá na diferença, sendo esta, portanto, o que abre espaço para o “acontecimento apropriador” (*Ereignis*). Tal afirmativa, já adiantando contextos da década de 1930, faz compreensível que a diferença ontológica está ligada ao referido acontecer, conduzindo a questão do ser para âmbito ainda mais fundamental. O aludido *acontecimento apropriador* é o próprio dar-se do ser da totalidade dos entes, dizendo, portanto, do evento ontológico proporcionador do modo de compreendermos ontologicamente e mesmo das investigações que se pretendem ontologias. Tal como consignado acima, esse evento é a realização de uma possibilidade inicial que sintetiza a essência das mudanças temporais e das reformulações históricas da verdade do seer. O conceito de acontecimento apropriador (por ora ausente em *Ser e tempo*) passará a ser diretriz da tarefa do pensamento de Heidegger naqueles anos 1930. Desse modo, muito de sua filosofia adiantada consistirá em análise circunspecta do significado de tal eventualidade radical. Tratada a partir da semântica específica do acontecimento apropriador, o foco da filosofia de Heidegger se desloca para a abertura do seer

⁹ Embora Heidegger nos dê claros indícios de estar alerta quanto a esse quadro crítico desde *Ser e tempo*, Wolfgang Marx (1980) sustenta que tanto a ontologia fundamental quanto seu pensamento adiantado (mais de perto relacionado ao tema da superação da metafísica) ainda conservariam residualmente um modo categorial de pensar próprio e indissociado da metafísica. O comentador avalia que por mais que Heidegger se ocupe de uma confrontação interpretativa da tradição filosófica, a diferença ontológica ainda conteria algo de operado por uma figura humana (ser-aí) que tenderia a tratar a coisa de maneira ôntica. Tal posição, difícil de sustentar, apenas seria justificável diante do desconhecimento total ou parcial do que Heidegger chama de *distanciamento e abismo* do seer. No entanto, curiosamente, por mais que a posição de Marion (1987) seja mais atual, também ele sustenta que a diferença ontológica, enquanto ligada à compreensão de ser do ser-aí, ainda estaria atrelada a estruturas metafísicas.

no *aí*. A maneira com a qual isso é dito por Heidegger (notadamente na terminologia recrutada para sua expressão) já patenteia o caráter de radicalidade (ou abissalidade) que seu pensamento assume a partir dessa época, como se vê: “O *aí* é acontecimento (*geschehende*), *acontecido e instantâneo* (*er-eignete und inständliche*), lugar próprio ao instante na clareira dos entes no acontecimento apropriador (*Ereignung*)” (Heidegger, 2003, p. 273). Num tal cenário, renovado em configuração, o *ser-aí* – outrora protagonista em *Ser e tempo* – passa a ser aquele que se dirige e apenas acompanha os sinais do acontecimento.

Diante disso, e em autoavaliação quanto a esse novo quadro, Heidegger sopesa o que a ontologia fundamental conseguira: “Nas buscas desde *Ser e tempo*, a questão de fato é colocada de modo mais originário, mas conservando a medida de uma escala menor, se é que há critério de comparação” (Heidegger, 2003, p. 85). Desse modo, como já deve ter ficado patente, não se trata mais de fazer a pergunta pelo *ser* com base na compreensão existencial do *ser-aí*, como antes em *Ser e tempo*, já que a diferença ontológica, doravante, passa a ser indicação do fundamento em seu caráter mais radical ou – para usar a palavra “cheia” – em seu caráter de *abismo* (*Abgrund*) (Coriando, 1998; Sallis, 2001). Mas o que seria propriamente o abismal (ou o que lhe constitui um sinônimo, o abissal) nessa etapa do pensamento de Heidegger? *Ser e ente* se apresentam no “destacado” do próprio acontecimento apropriador, no qual “[...] *seer* se faz distanciado de um modo abismal em relação a qualquer ente” (Heidegger, 2003, p. 477). Nesse trecho de *Contribuições à filosofia*, Heidegger (2003) quer mostrar que o *seer* é o que acontece na diferença, e a diferença dá lugar ao evento de mundos e da totalidade dos entes. A diferença ontológica agora se mostra fundamentalmente implicada ao que Heidegger vê como o acontecimento do *seer* do *aí*, colocando, por sua vez, o problema ontológico no âmbito do fundamento. Doravante, a diferença ontológica se presta a apontar o caráter abismal de toda e qualquer instância de fundo; isso porque o referido abismal é o que nos confronta com a impossibilidade de conduzir a questão do que seja o fundamental pela via do entendimento objetivo. Com isso, o abismal do acontecimento de *seer* é o que, na diferença ontológica, interdita as pretensões de um pensamento que busca a determinação do fundamento. Tal impedimento, contudo, não significaria uma interdição ao pensamento do *seer* em seu acontecer.

3 A TRAVESSIA INCONTORNÁVEL

Em meio às transformações sofridas pelo pensamento de Heidegger ao longo dos anos 30, como antes indicado, o conceito de diferença ontológica passa a assumir posição cada vez

mais central nessa filosofia. É o que se identifica em *Contribuições à filosofia* (Heidegger, 2003): do acontecimento apropriativo, que, atrás apenas de *Ser e tempo*, é assumida, sem dificuldade, como a segunda mais importante obra de Heidegger (Vallega-Neu, 2003). Nesta, apesar de o conceito de *diferença ontológica* permear parte significativa de seu temário – seja em implicação direta a conceitos como: “acontecimento apropriador” (*Ereignis*), “clareira” (*Lichtung*) e “outro início” (*andere Anfang*), ou, indiretamente, a “técnica moderna”, (ainda em sua formulação de “maquinação” – *Machenschaft*), “história do ser” (*Seinsgeschichte*) e “superação da metafísica” (*Überwindung der Metaphysik*), apenas o aforismo n° 266 se ocupa declaradamente do conceito. Neste, intitulado, “O seer e a ‘diferença ontológica’. A ‘diferenciação’”, lê-se:

A “diferença ontológica” é uma travessia (*Durchgang*), que se torna incontornável (*unumgänglich*), se a necessidade de questionar a questão fundamental se tornar visível a partir da visada da questão condutora. E a questão condutora mesma? Essa tarefa, porém, não se deixa contornar, enquanto precisar permanecer assegurado, ainda em geral, um caminho que conduz ainda de maneira tão indigente (*dürftigen*) o pensamento *metafísico* à questão necessariamente não formulada sobre a verdade de seer (Heidegger, 2003, p. 467, tradução nossa).

O que outrora chamamos de “travessia da diferenciação” – tema cuja análise ficou suspensa até aqui – pode agora receber atenção essencial. O que Heidegger alude por travessia é a indicação de que tal diferenciação é o caminho necessário que nos leva de uma compreensão de ser (ainda segundo critérios menos radicais da investigação ontológica) a uma participação no acontecimento de seer. A partir daqui, o esforço é o de trafegar de um registro metafísico a outro mais fundamental: ao acontecimento de seer na história que lhe é própria. Em outras palavras, trata-se da travessia da metafísica ao pensamento do acontecimento apropriador.

Ao identificar e confrontar as arestas do projeto de *Ser e tempo*, Heidegger opera o que se convencionou chamar de “viragem” (*Kehre*). Essa manobra está longe de consistir em uma reviravolta¹⁰ em seu pensamento, como se com isso se abandonasse a filosofia estabelecida para a obtenção de algo que nada deveria à anterior. Ninguém mais autorizado do que F.-W. von Herrmann (1994) para nos indicar que a “viragem” consiste em, por assim dizer, *uma correção de rota* desse pensamento; esta surge da necessidade intrínseca de contar com meios mais

¹⁰ Atentemos ao fato de que Heidegger utiliza o termo “*Kehre*” e não algo como “*Umkehr*”, o que significaria uma “viravolta”, uma “volta-face” ou uma “contravolta”.

adequados para refundar suas questões e achados, pois só assim seria possível indicar o seer em seu acontecimento mais originário (Kahlmeyer-Mertens, 2015b).

A travessia mencionada na citação acima, portanto, é algo que requererá um reposicionamento da figura do ser-aí no novo arranjo do pensamento de Heidegger. Por isso, em *Contribuições à filosofia* – obra que em boa medida dá amostra do que aqui chamamos de rearranjo do pensamento heideggeriano – o filósofo adverte que o ser-aí não pode mais ser compreendido como no projeto da ontologia fundamental, isso porque: “O perigo é compreender ‘*Ser e tempo*’ num sentido ‘existencial’ [...] em vez de partir do fundamento predominante sobre o ser-aí e, por outro lado, apreender a verdade como o descerramento do espaço-temporal-de-jogo do seer” (Heidegger, 2003, p. 87, tradução nossa).

A advertência não é despropositada, pois, entre os que não chegaram a conhecer os estabelecimentos de *Contribuições à filosofia* (obra que certamente jogou luz sobre os estágios adiantados do pensamento de Heidegger), há mesmo a tendência de reter uma experiência de ser-aí nesses momentos posteriores. É o caso de Lohmann (1972), que sustenta que a diferença ontológica ainda se daria num espaço linguístico próprio à existência; nesse caso, a diferença entre ser e ente, dependeria da articulação gramatical do discurso. Essa tese parte do pressuposto – mais aristotélico do que pertencente a Heidegger – de que é o discurso que permite o pensamento. Tal interpretação ignora ou desconsidera a importância que o acontecimento apropriador passou a ter no pensamento de Heidegger após a década de 1930.

Se, antes, o projeto ontológico fundamental de *Ser e tempo* se apoiava na compreensão existencial do ser-aí, o que levava intérpretes como Greisch (2010) a atribuírem ao ser-aí uma espécie de “autoria” da diferença, o pensamento adiantado de Heidegger indica que a diferença ontológica aponta para uma apropriação originária da história da metafísica. Na citação anterior, portanto, temos o alerta quanto ao risco de ainda tendermos a tratar a diferença ontológica a partir de um comportamento compreensivo do ser-aí; quando, a partir dessa nova etapa, Heidegger preconiza que o ser-aí está precedido pelo fundamento ontológico, cabendo a este, quando muito, “guardar” ou, ainda, apropriar-se da abertura desse acontecimento de seer.

Em decorrência da “viragem”, a diferença ontológica deixa de ser apenas a constituição de campos de sentido sedimentados no mundo fático e torna manifesta a impossibilidade de um mundo concretizar a totalidade do ser. O ser-aí, portanto, não é erradicado, mas redimensionado em seu papel e importância com vistas ao acontecimento apropriador. Ele deixa de ser o detentor

do privilégio de compreender o sentido do ser para tornar-se aquele que, no cruzamento com o seer, resguarda e é resguardado em sua verdade. O ser-aí se torna o ente que apropria o acontecimento de seer e acompanha os indícios de sua multiplicidade transepocal. Desse modo, nos textos de Heidegger posteriores à década de 1930, a diferença ontológica parece cada vez mais estar no núcleo do fundamento. Assim, se antes a diferença ontológica era distinção técnica entre Ser e ente, agora, no que se nomeia como pensamento pós-viragem, Heidegger passa a enfatizar a diferenciação como o que indicia a inviabilidade de tentar pensar o seer pela via subjetiva, reflexiva. Com isso, essa tematização assume agora uma orientação referente e coerente ao seer em seu acontecimento unitário e extraordinário. Corroborando com essa ideia, diz-nos Heidegger (2003, p. 469, tradução nossa):

Se considerarmos essa proveniência histórica da diferença ontológica na própria história do ser, então o saber dessa proveniência já impõe uma certa distância em relação à verdade do ser; a experiência de que nós, sustentados pela “diferença ontológica” em todo o ser do homem enquanto ligação com o ente, permanecemos expostos ao poder do ser por meio do aí de maneira mais essencial do que em toda e qualquer ligação ainda “próxima da vida” como qualquer coisa “efetiva”.

Ao identificar a proveniência da diferença em sua origem histórica, o pensamento assume sua exposição essencial ao poder do ser, o que dá mostras de como um tal processo se consuma. Isso, por si só, nos permite entrever que pensar a diferença ontológica no pensamento adiantado de Heidegger requer abandonar a pretensão de tornar-se “autor” da diferença e “Senhor” do ser e do ente para, quando muito, avizinhar-se de um acontecimento ontológico que, embora essencie o ente para nós, não deixa de se mostrar abissal e, por isso mesmo, indômito ao compreender e ao comportar-se do ser-aí. Por mais que identificáveis aqui os contextos próprios à *Carta sobre o humanismo*, na qual o próprio Heidegger se refere metaforicamente à nova posição paradigmática do humano perante o acontecimento de seer, nunca é prescindível o comentário que torna compreensível o que está em jogo nessas expressões. Nesse caso, Coriando (1998) oferece préstimos ao elucidar que, no que se destaca, no acontecimento apropriador, do encontro do humano (como “guardião do ser”) e o “seer”, a diferença ontológica é abertura do espaço para o qual se dá uma travessia ao fundamento. Um tal espaço, coincidente ao seer e ao humano que lhe é vizinho, não é um marco fixo; antes, é travessia inelutável que tensiona o abismo.

CONCLUSÕES

Após as análises compreendidas nos três tópicos de desenvolvimento, este artigo chega, agora, a seu momento conclusivo. O tema da diferença ontológica, abordado sob ao menos dois referenciais – *Ser e tempo*, de 1927, e *Contribuições à filosofia* (2003) – foi tratado com o fito de indicar a posição que este conceito ocupa no pensamento de Heidegger.

Nosso primeiro tópico mostrou como a diferença ontológica está presente nos contextos da recolocação da questão do sentido do ser operada em *Ser e tempo*, sendo, portanto, um conceito que se apresenta desde cedo na filosofia de Heidegger. Nesse período, identificamos a diferença ontológica como uma intuição fundamental referente à distinção entre o ser e a multiplicidade dos entes. Apesar de se insinuar em toda a sua importância, essa ideia nem sempre se mostrava de maneira clara e evidente, dependendo de certo esforço de compreensão por parte de quem assistia às preleções ou lia os textos do filósofo à época. Na mesma década de 1920, a diferença ontológica vê-se associada à compreensão de ser, própria ao ser-aí, por mais que Heidegger não admita que a distinção em jogo seja “feita” pela via da representação racional (na chave de uma identidade Absoluta ou associada a uma categoria lógica).

De posse do capital oferecido por esse primeiro passo, nosso segundo tópico contempla a diferença ontológica em sua transição à fase adiantada da obra do filósofo. Em uma época na qual seu pensamento já conta com os contextos do acontecimento apropriador, a diferença ontológica já não é da ordem da compreensão de campos de sentido nos quais ser e ente se distinguem; antes, dá-se no *destacamento* que acontece no âmbito do próprio seer. A esse enigmático espaço de distanciamento Heidegger chama de abismo, e qualquer pensamento referente à diferenciação entre ser e ente precisa transigir com o que no abissal se vislumbra. Pode-se identificar aqui que, nesse período, o pensamento de Heidegger deixa de focar o horizonte do humano como o espaço da diferenciação, para conferir significativa radicalidade ao pensamento da diferença em face da noção de acontecimento apropriador. Esse é o motivo pelo qual avaliamos que a diferença ontológica passa a ocupar lugar mais central em tal pensamento.

Após isso, diante da análise da diferença ontológica, estritamente no âmbito de *Contribuições à filosofia* (Heidegger, 2003), o texto se deteve no conceito de “travessia”. Para Heidegger, esta consistiria na superação dos registros da metafísica em direção àqueles agora próprios ao acontecimento apropriador. Quanto a isso, John Sallis (2001) evidencia que a aludida travessia não é, por assim dizer, incontornável como se fosse uma inevitável tarefa

filosófica a se cumprir. Incontornável, aqui, significa que qualquer tentativa de pensar e fundar a diferença ontológica não pode evitar transigir com o que, no acontecimento apropriador, há de abismal, de abissal; do contrário, haverá sempre o risco de uma recaída no modo de proceder metafísico. Nesse novo cenário, em lugar de uma figura subjetiva ou, mesmo, o ser-aí (enquanto paradigma da essência do humano) arvorarem para si a “autoria” ou a distinção de compreender o ser, o que temos é o ser-aí como aquele que acolhe e guarda o acontecimento apropriador, acompanhando os sinais da história do ser. É isso que o próprio Heidegger nos permite ver, com base em sua *Carta sobre o humanismo* (Heidegger, 1976a), e o que novamente Sallis (2001), em compasso com o filósofo, ajuda a evidenciar.

Em uma consideração geral e final, compreendemos poder afirmar, com segura distinção, que a diferença ontológica pode ser observada como um fio condutor que leva Heidegger de uma compreensão tradicional da diferença entre Ser e ente, a um acontecimento ontológico no qual ser e ente se mostram como aquilo que se apresentam na separação de um abismo (não sem antes ter pensado, já com um primeiro aporte ontológico, o sentido do ser no ente à luz da compreensão existencial do ser-aí). Com isso, sustentamos que a diferença ontológica, pensada no seio do acontecimento de seer, conta com um posicionamento mais radical do pensamento de Heidegger, no qual o humano é aquele que tenta a fundamentação do seer ciente da abissalidade de seu acontecimento.

REFERÊNCIAS

BRENTANO, Franz. **Von der mannigfachen Bedeutung des Seienden nach Aristoteles**. Berlin: De Gruyter, 2014.

CORIANO, Paola-Ludovika. **Der letzte Gott als Anfang**. Zur abgründigen Zeit-Räumlichkeit des Übergangs in Heideggers “Beiträgen zur Philosophie (Vom Ereignis)”. München: Fink, 1998, p. 145-149.

DEELY, John L. **Tradition via Heidegger**: an essay on the meaning of being in the philosophy of Martin Heidegger. The Hague: Martinus Nijhoff, 1971.

GADAMER, Hans-Georg. Hermeneutik und ontologische Differenz. In: GADAMER, Hans-Georg. Hermeneutik im Rückblick. **Gesammelte Werke**. Bd. 10. Tübingen: J.C.B. Mohr (Paul Siebeck), 1995. p. 58-70.

GREISCH, Jean. **La invención de la diferencia ontológica**: después de *Ser y tiempo*. Tradução de Julián Fava. Buenos Aires: Las Cuarenta, 2010.

HAAR, Michel. **Le chant de la terre**. Paris: Flammarion, 1998.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Wissenschaft der Logik II. *In*: HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Werke 6**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986. p. 243-548.

HEIDEGGER, Martin. Beiträge zur Philosophie (Vom Ereignis). *In*: HEIDEGGER, Martin. **Gesamtausgabe** – III. Abteilung: Unveröffentlichte Abhandlungen. Vorträge – Gedachtes. Band 65. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2003.

HEIDEGGER, Martin. Brief über den Humanismus: Wegmarken. *In*: HEIDEGGER, Martin. **Gesamtausgabe** – I. Abteilung: Veröffentlichte Schriften 1914-1970. Bd. 9, p. 313-364. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1976a.

HEIDEGGER, Martin. Mein Weg in die Phänomenologie: Zur Sache des Denkens. *In*: HEIDEGGER, Martin. **Gesamtausgabe** – I. Abteilung: Veröffentlichte Schriften 1910-1976. Bd. 14. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2007. p. 91-102.

HEIDEGGER, Martin. Reden und andere Zeugnisse eines Lebensweges. *In*: HEIDEGGER, Martin. **Gesamtausgabe** – I. Abteilung: Veröffentlichte Schriften 1910-1976. Bd. 16. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2000.

HEIDEGGER, Martin. Sein und Zeit. *In*: HEIDEGGER, Martin. **Gesamtausgabe** – I. Abteilung: Veröffentlichte Schriften 1914-1970. Bd. 2. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1976b.

HEIDEGGER, Martin. Seminar in Zähringen. *In*: HEIDEGGER, Martin. **Gesamtausgabe** – I. Abteilung: Veröffentlichte Schriften 1910-1976. Bd. 15. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1986. p. 372-400.

HERRMANN, Friedrich-Wilhelm von. **Wege ins Ereignis**. Zu Heideggers, Beiträgen zur Philosophie. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1994.

KAHLMAYER-MERTENS, Roberto S. **10 lições sobre Heidegger**. Petrópolis: Vozes, 2015b.

KAHLMAYER-MERTENS, Roberto S. “Hermenêutica da facticidade: contraprojeto à fenomenologia transcendental?” *In*: KAHLMAYER-MERTENS, Roberto S.; FERRER, Diogo *et al.* (org.) **A filosofia transcendental e a sua crítica**. Idealismo – Fenomenologia – Hermenêutica. Coimbra: Coimbra University Press, 2015a, p. 235-257.

LOHMANN, Johannes. M. Heidegger’s “Ontological Difference” and Language. *In*: **On Heidegger and Language** (org.). Joseph J. Kockelmans. Evanston: Northwestern University Press, 1972. p. 303-363.

MARION, Jean-Luc. Différence ontologique ou question de l’être ? Un indécidé de “Sein und Zeit”. **Tijdschrift Voor Filosofie**, Louvain, v. 49, n. 4, p. 602-645, 1987. Disponível em: [JSTOR](http://www.jstor.org/stable/40885477), <http://www.jstor.org/stable/40885477>. Acesso em: 2 abr. 2026.

MARX, Wolfgang. Die ontologische Differenz in der Perspektive der regionalen Ontologie des Daseins. Ein Beitrag zur ‘Unüberwindbarkeit’ der Metaphysik. *In*: MARX, Wolfgang. **Nachdenken über Heidegger**: Eine Bestandsaufnahme (Hrsg.). Ute Guzzoni. Hildesheim: Gerstenberg, 1980. p. 176-198.

MARX, Werner. **Heidegger und die Tradition**. Stuttgart: Kohlhammer, 1961.

POLT, Richard. **The emergency of being**: on Heidegger’s Contributions to Philosophy. Ithaca: Cornell University Press, 2006.

SALLIS, John. Grounders of the Abyss. In: SALLIS, John. **Companion to Heidegger’s “Contributions to Philosophy”** (org.) Charles E. Scott *et al.* Bloomington; Indianapolis: Indiana University Press, 2001. p. 181-197.

SCHALOW, Frank. The Question of the Ontological Difference in Heidegger’s Dialogue with Kant. **Heidegger Studies**, v. 35, p. 45-60, 2019. Disponível em: *JSTOR*, <https://www.jstor.org/stable/48761217>. Acesso em: 19 abr. 2026.

VALLEGA-NEU, Daniela. **Heidegger’s Contributions to Philosophy**: an introduction. Bloomington: Indiana University Press, 2003.